

O SILÊNCIO DE JACINTO DO PRADO COELHO

JOSUÉ MONTELLO

Conquanto já esperássemos pelo desfecho inapelável, a morte de Jacinto do Prado Coelho, ocorrida há poucos dias, em Lisboa, deixou-nos tão profundamente consternados, ao impacto da notícia dolorosa, que logo consideramos esse desfecho como um óbito imerecido.

Vi algumas fotografias recentes do querido amigo e mestre, e mais se avivou em mim a crueldade de seu ocaso. Poucos seres humanos me deram, como Jacinto do Prado Coelho, a sensação física e intelectual da robustez saudável. O corpo compacto, o semblante sanguíneo, a firmeza dos passos, a vivacidade da inteligência, a vastidão do saber, tudo nele transparecia vigor e saúde, com algo de outro Jacinto, o do romance de Eça de Queiroz, trazendo em si o vigor das serras, o harmonizado ao saber e ao estilo de vida da cidade.

E eis que de repente todo esse vigor se defaz, para apenas ficar o espírito invencível a debater-se com a enfermidade. Esta, num relance, tocou-lhe a fonte da vida, e só os seus olhos crescidos nos davam a idéia do combate que ali se travava, entre a claridade do grande espírito universal e a doença roaz, implacável, firmemente determinada a impor-lhe a selo de seu silêncio.

Um amigo comum, Luís Forjaz Trigueiros, na carta em que me deu a notícia pungente da morte de Jacinto do Prado Coelho, contou-me que o corpo do mestre, exposto em câmara ardente na Casa da Imprensa, na capital portuguesa, recebeu a homenagem de toda a Lisboa intelectual, que por ali passou, consternada, sabendo que entre aqueles círios acesos estava uma das mais altas figuras da inteligência européia.

Européia, digo bem. Porque Jacinto foi sobretudo um representante maior da cultura ocidental, aquela que vem de Atenas e de Roma, difundindo-se no sentido do Ocidente, e de que somos prolongamento, com os matizes naturais da formação brasileira.

Na notícia biográfica que acompanha o nome e o retrato, de Jacinto do Prado Coelho, no *Anuário da Academia Brasileira* (a que pertenceu, como sócio correspondente), figura esta indicação, após a notícia de que nascera em Lisboa, a 1º de setembro de 1920: "É filho do professor e ensaísta Antônio Diogo do Prado Coelho e pai do professor e ensaísta Eduardo Almeida do Prado Coelho." Ele próprio, Jacinto, professor e ensaísta. E que ensaísta e que professor!

Antes de apertar-lhe a mão pela primeira vez, em Lisboa, já eu era seu amigo, graças à leitura de seus livros magistrais, e graças às atenções de sua pena para com a minha obra de romancista.

Lera-o em 1946, logo que saiu a sua *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, notabilíssimo ensaio crítico, primorosa visão de conjunto da obra do mestre de *Eusébio Macário*, logo perfilado nas estantes especializadas como um monumento do ensaio português. Tinha Jacinto do Prado Coelho, por essa época, 26 anos.

Estreara-se em livro, dois anos antes, com um pequeno estudo sobre *A Poesia Ultra-Romântica*, logo seguido de três outros volumes: *Fialho de Almeida* (1944), *A Educação do Sentimento Poético* (1944) e *A Poesia de Teixeira de Pascoais* (1945).

Toda a sua vida, daí por diante, é um tirocínio contínuo de livros, conferências, palestras, sempre no mundo das letras. E trazendo para cada estudo a contribuição nova de sua visão elucidativa e pessoal. Porque o mestre do ensaio sabia ser o pensador arguto, com o cabedal das idéias próprias, e num estilo que o situa igualmente entre os mestres contemporâneos da prosa de língua portuguesa.

Ouvimo-lo aqui no Brasil em vária oportunidade. No Gabinete Português de Leitura, na Academia Brasileira, na Faculdade de Letras, nos congressos de literatura. Chamavam-no de longe, e ele vinha radiante, com o gosto de se identificar com a vida e os livros brasileiros. Para deixar conosco a lembrança dos aplausos com que lhe acolhíamos as lições.

Devo-lhe os três estudos magistrais com que saudou em Portugal, sucessivamente, *Os Tambores de São Luís*, *Noite sobre Alcântara* e *A Cora de Areia*. Devo-lhe mais o carinho excepcional com que, ao vir pela última vez ao Brasil, alongou sua viagem até São Luís, para conhecer – disse-me ele – o cenário de meus romances.

Não pude vê-lo nessa última viagem ao Brasil, mas com ele me encontrei em Lisboa, na companhia de Luís Forjaz Trigueiros, quando fui vê-lo na Fundação Gulbenkian, a que emprestava a autoridade de seu grande nome como diretor da revista *Colóquio/Letras*, ponto de convergência das letras de língua portuguesa, quer de Portugal e do Brasil, quer de Cabo Verde e de Moçambique, quer dos Açores e de Guiné-Bissau.

Permanentemente atualizado com as idéias e os livros de nosso tempo, Jacinto do Prado Coelho era um primoroso humanista. Em Portugal, depois da morte de Vitorino Nemésio, quem poderia disputar com ele o primado da crítica e do ensaio de conotação universitária? Na hora em que a crítica literária se dividia entre o ensaísmo de jornal e a lição da cátedra, ele soube conciliar esplendidamente as duas vertentes, e esta é certamente a sua mais bela lição como mestre do ensaísmo crítico de língua portuguesa.

Mais do que a compreensão superior de minha obra literária, devo-lhe a afeição do companheiro. Por isso, ao saber de sua enfermidade irreparável, vim para esta coluna, ainda com a emoção da notícia, e disse de público o que ele significava para a cultura contemporânea, valendo-me do pretexto do último livro seu que me

chegara às mãos. Nada escrevi de excessivo no louvor aberto ao seu talento e ao seu vastíssimo saber. E hei de guardar comigo a emoção da carta com que se referiu ao meu artigo de jornal.

Hoje, que ele apenas sobrevive nos seus livros e nas nossas recordações, é bom repetir aqui o que escreveu Machado de Assis em carta a Henrique Chaves, por ocasião da morte de Eça de Queiroz: "Que hei de dizer que valha esta calamidade? Para os romancistas é como se perdêssesmos o melhor da família, o mais esbelto e o mais valido. E tal família não se compõe só dos que entraram com ele na vida do espírito, mas também das relíquias da outra geração, e, finalmente, da flor da nova".

Sim, perfeitamente: porque Jacinto do Prado Coelho soube ser grande em face de três gerações" a dos seus mestres, a de seus contemporâneos e a dos seus discípulos.

[O Silêncio de Jacinto do Prado Coelho, de Josué Montello. Extraído do *Jornal do Brasil* - 05/06/84, 1º cad., p. 11.]
